

*Caderno
Intelectualidades Negras
Brasileiras*

*Revista África e Africanidades
Ed. n. 36, Suplemento n. 01,
v. 1, 2020*



revista **af** **frica**
e **africanidades**



Revista África e Africanidades

Caderno

Intelectualidades Negras Brasileiras

ISSN: 1983-2354

Edição n. 36

Suplemento n. 01, v. 1.

30 de novembro de 2020

Ficha Técnica

Chefe Editorial

Nágila Oliveira dos Santos

Organizadores

José Sena, Ivan Gomes, Gabriel Delphino

Comitê Científico

Antonio Jeovane da Silva Ferreira

Edwilson da Silva Andrade

Gabriel Delphino

Ivan Gomes

Iago Vilaça de Carvalho

José Sena

Vania Cristina da Silva Rodrigues

Revisão

José Sena, Ivan Gomes e Gabriel Delphino

Diagramação

José Sena

Foto da Capa

Kleber Júnior

umtaldekleber@gmail.com

Por que um Caderno de Ensaaios sobre Intelectuais Negras/os Brasileiras/os?

José Sena, Ivan Gomes e Gabriel Delphino • 7 – 8

Antirracismo e Prática Intelectual

Roberto Borges • 9 - 13

Dona Rouxita:

concepções e práticas contra-coloniais de uma Pajé Afro-pindorâmica

José Sena e Claúbia Mendes • 15 - 20

Antonio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo):

um expoente do pensamento quilombola

Antonio Jeovane da Silva Ferreira • 21 - 26

Nilma Lino Gomes:

reflexões para uma educação para a igualdade

Iago Vilaça de Carvalho • 27 - 32

De Pedro a Brown:

o racional poeta da periferia

Gabriel Delphino Fernandes de Souza • 33 - 38

Por que é necessário conhecer Beatriz Nascimento

Ivan Felipe Fernandes Gomes • 39 - 44

Valentim da Fonseca e Silva,

um mestre no jardim

Edwilson da Silva Andrade • 45 - 50

Cidinha da Silva:

uma escrita insurgente

Vania Cristina da Silva Rodrigues • 51 - 56

Bruno de Menezes:

poeta e intelectual modernista antecipador da negritude

Josiclei de Souza Santos • 57 - 63

Por que um Caderno de Ensaio sobre Intelectuais Negras/os Brasileiras/os?

José Sena¹
Ivan Gomes
Gabriel Delphino

Como conceituar a Intelectualidade Negra Brasileira?
Pediram para delimitar
O que é a intelectualidade negra
E eu não consegui responder.
Como definir em um único conceito, tanta potência?

Horas e dias se passaram e a resposta não aparecia,
Mas ao ver este caderno pronto,
Foi possível compreender que
a intelectualidade negra brasileira é
A pajelança afropindoraminca de dona Rouxita
É também a contra colonialidade de Nêgo Bispo
Está na educação antirracista de Nilma Lino Gomes
Vem das quebradas, onde o Rap dos Racionais Mc's ensina e dá esperança
Está na alma insubmissa de Beatriz Nascimento, que reescreve a história no negro brasileiro e traz
conforto e vivacidade em seu conceito de quilombo
Está na negritude estética dos Batuques de Bruno de Menezes
E na escrita insurgente de Cidinha da Silva
Está cravada na paisagem carioca, na arquitetura inovadora de Mestre Valentim

A intelectualidade negra brasileira é a potência infinita
Que está na academia, nas ruas, nos terreiros, nas favelas
E sua essência se situa na encruzilhada de possibilidades
Que cada negro brasileiro que viveu, vive e viverá pode compor.

Autor: Ivan Felipe Fernandes Gomes
Codinome: Colosso do amor.

Ao longo do século XXI tem aumentado o número de ações, programas e leis pela valorização das/os negras/os brasileiras/os. A lei 10639/03 – a qual institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todos os níveis e modalidades de ensino –, certamente, é um dos marcos fundamentais desse movimento de valorização das pessoas negras.

Seguindo a agenda dessas transformações na sociedade brasileira, o presente caderno de ensaios reúne textos que apresentam intelectuais negras e negros

¹ Coordenação do GT – Intelectualidades Negras Brasileiras (2020-2021).

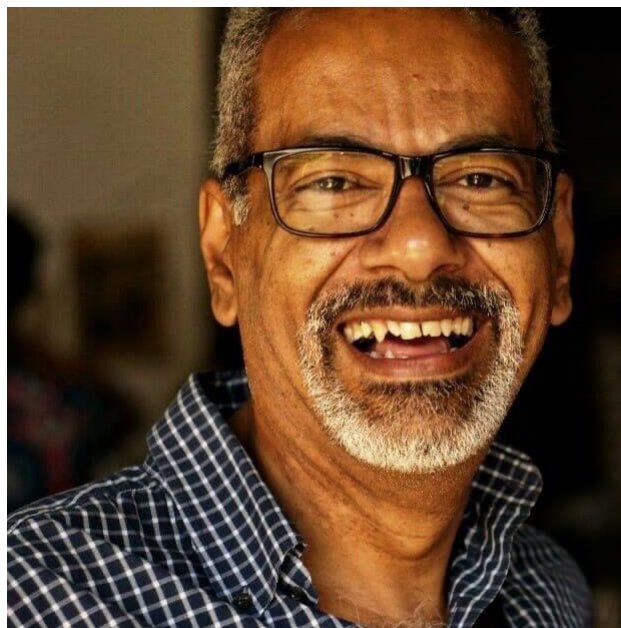
nascidas/os no Brasil, e que constituem importante contribuição para a formação do pensamento afro-brasileiro. Com o propósito de praticar uma política de visibilidade dessa população, e da diversidade de saberes e modos de produção de conhecimento que muito extrapolam os campos acadêmicos disciplinares das universidades, integramos neste caderno uma perspectiva de intelectualidade que agrega tanto acadêmicas/os, quanto pensadores/as e intérpretes de diferentes áreas do saber popular ou erudito, desde que apresentem reconhecida influência na vida sociocultural dos diferentes territórios brasileiros.

Entendemos que um sujeito sem referência não tem como falar em nome próprio, e isso nos alerta sobre a grande relevância de sabermos (re)conhecer nossos intelectuais negros e negras em diferentes áreas do saber. No intento de contribuir com a construção desse processo de valorização da cultura afro-brasileira, argumentamos que conhecer nossos/as intelectuais certamente nos ajudará a produzir outras leituras do mundo, outras formas de imaginar presentes e futuros, interferindo, inclusive, na nossa subjetividade racial, nos politizando a partir do lugar sociocultural que ocupamos na sociedade atual. Entendemos, portanto, que este caderno de ensaios soma na disputa por um projeto de nação que queremos mais afro-brasileiro e anti-racista.

Por fim, além de apresentar os intelectuais negros e negras de diferentes lugares do Brasil, nossa proposta é que esses textos, reunidos no caderno de ensaios da Revista *África e Africanidades*, possam servir de apoio educacional aos/às professores/as em diferentes níveis de formação escolar e universitária.

Abrimos o primeiro volume do Caderno com ilustríssima apresentação do Professor Dr. Roberto Borges, que nos traz importante reflexão sobre a produção de saberes por pretos/as brasileiros/as.

Antirracismo e Prática Intelectual



Em 2001, diversos segmentos dos movimentos negros do Brasil se organizaram para participar da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Diversas Formas de Intolerância Correlata, promovida pela ONU, em Durban, África do Sul. Os movimentos negros ali presentes conseguiram se articular de forma tal que estabeleceram, com outras delegações brasileiras que também estavam lá, uma posição consensual a respeito da luta antirracista, a tal ponto que levou o governo do Brasil à época a reconhecer que este é um país racista, que a democracia racial tão propalada nunca passou de um mito, e isso o levou a, conseqüentemente, assumir a necessidade da criação de políticas públicas de combate ao racismo.

Desde então, muitos dos objetivos das lutas de décadas de nossos movimentos negros começaram a se concretizar e podemos citar alguns deles, como a assinatura da Lei 10.639/03, que alterou a LDB, tornando obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-brasileira no currículo oficial; o Parecer CNE/CP 003/2004, que instituiu

² Imagem cedida pelo autor.

as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana; a Lei 11.645/08, que alterou a 10.639/03, somando a ela a História e Cultura Indígena; o Estatuto da Igualdade Racial de 2010, que é um compilado de regras e fundamentos legais antirracistas; a Lei 12.711/2012, que estabeleceu cotas sociais e raciais de ingresso em todas as universidades federais e, também, nos institutos federais de ensino técnico, médio e integrado; e a Lei 12.990/14, que estabeleceu a obrigatoriedade de cotas raciais para os concursos públicos federais.

Como sabemos, a criação dessas políticas públicas não se deu sem alarde e sem conflito e trouxe à tona (e continua trazendo), em muitas ocasiões, o racismo que comumente se tenta esconder. Em contrapartida, elas têm permitido que pessoas negras de diferentes faixas etárias e de origens distintas acessem espaços e saberes interditados pelo racismo à brasileira, cuja forma perversa faz com que ele se adense na mesma medida em que nega sua existência.

Embora tenhamos ainda muito pouco tempo para avaliarmos as alterações sociais provocadas pelas políticas citadas e, embora, também vivamos uma tentativa de silenciamento e de apagamento de tantos avanços no que diz respeito a essas políticas, é inegável que, de 2003 a 2012, tivemos a concretização de direitos exigidos por séculos pelas populações negras deste país. O racismo, no entanto, por tão sofisticado que é, atualiza-se e exige de cada um/a de nós posturas antirracistas a todo tempo.

A célebre e tão divulgada frase da ativista antirracista estadunidense Ângela Davis (“Numa sociedade racista não basta não ser racista, é necessário ser antirracista) nos provoca e nos dá uma chave importante para a compreensão e o engajamento nesta luta: é necessária ação! É necessário que coloquemos nossos corpos, nossas vozes, nossa emoção e nosso intelecto, independentemente de nosso pertencimento étnico-racial, em prol da luta contra o racismo, da forma que nossa luta seja eficaz.

Tudo que escrevi acima tem como objetivo lhes apresentar esta coletânea. Oxalá seja ela a primeira de muitas que a seguirão. Esta produção me enche de felicidade, de honra e de orgulho por diversos fatores que lhes apresento: primeiro, por se constituir, na medida de seu fazer e de suas escolhas, como uma potente obra intelectual antirracista; segundo, por apresentar personagens célebres de nossa história atual que têm se dedicado ou que se dedicaram na luta por uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais respeitosa e mais democrática, mas que, ainda assim, têm sido silenciadas e apagadas, como parte de um projeto que mata negras e negros por morte física, emocional, espiritual, linguística e/ou em sua episteme; e, terceiro, por fazer tudo isso lançando mão de um estilo sensível, tocante, belo e muito potente.

O passado escravocrata, colonialista e patriarcal do Brasil, que nos deixou a maldita herança da branquidade e do branqueamento, cuja ideologia fez e faz muitas e muitos de nós acreditar que os valores morais, intelectuais, éticos e estéticos, filosóficos e religiosos positivos são exclusivamente brancos é o mesmo que nos impôs/impõe um currículo oficial eurocentrado. É importante frisar que é o corpo negro, a intelectualidade negra, os movimentos negros do passado e os contemporâneos (e/ou os negros/negras em movimento) que têm sido responsáveis pela quebra da maldição eurocêntrica e do “perigo de uma história única”, do qual Chimamanda Adichei já nos falou brilhantemente. Também são as pessoas negras que têm sido responsáveis pela educação dessa sociedade no que diz respeito à democracia, ao respeito, à legislação, à estética, à cultura, à educação e à epistemologia no que concerne aos afro-brasileiros, aos africanos e aos negros e negras em diáspora por todo o mundo, como tão bem já apontou a professora Nilma Lino Gomes em seu último livro “Movimento Negro Educador”.

Outra questão de suma relevância que quero frisar é o fato de este *Caderno* nascer com a proposta de trazer para a agenda de nossas discussões, aspectos contemporâneos do campo cultural, artístico e educacional, partindo de uma

perspectiva de formação plural, que abre mão de uma proposta menor e mais elitista, que tenta dar conta prioritariamente daquilo que tem sido considerado “cânone” no Brasil. Reconhecer e trazer para a discussão grandes saberes que se encontram em espaços diferentes daqueles consolidados pela academia, a meu ver, é o maior mérito do *Caderno Intelectualidades Negras Brasileiras*, que nasce com essa proposta de buscar a nós mesmas/os nos saberes das ruas, dos becos, dos terreiros, das matas, dos quilombos e, também, das universidades, onde temos sido histórica e perversamente calados.

José Sena, Ivan Gomes e Gabriel Delphino, reuniram, com uma refinada expertise, intelectuais que nos apresentam outros/outras intelectuais, que, em seu próprio dizer, somam “na disputa por um projeto de nação que queremos mais afro-brasileiro e antirracista”. Como eles mesmos propõem, esta produção pode colaborar com professores e estudantes de diferentes níveis educacionais e nas mais diferentes áreas. Biografias e reflexões teóricas de importantes lideranças como a da pajé dona Rouxita; de Nego Bispo, importante liderança política e intelectual quilombola; de Nilma Lino Gomes, uma das mais importantes teóricas sobre raça e racismo na educação da atualidade; Beatriz Nascimento, uma importante e necessária teórica das questões raciais brasileiras, que a maioria dos estudantes não conhece, por ter sido apagada e silenciada academicamente; como também de outras importantes personalidades que têm produzido saber emancipatório por diferentes caminhos da cultura, pela música e/ou literatura, da educação e das práticas cotidianas, como o também são Mano Brown, Bruno Menezes, Cidinha da Silva e Mestre Valentim que, embora considerado o artista mais completo do período colonial e mesmo sendo autor do desenho do Passeio Público do Rio de Janeiro, nossas escolas se furtam, por ele ser um homem negro, de contar a nossos estudantes a história desse homem cuja produção tanto nos orgulha.

Ler esta coletânea é nos apropriarmos daquilo que nos foi usurpado, é ter de volta um pedaço de nós que nos foi arrancado violentamente e que, agora, podemos

resgatar. Recebam o *Caderno Intelectualidades Negras Brasileiras* como uma oferenda, como um resgate, como uma proposta de reencontrar um bem precioso que nos foi saqueado e que agora temos a oportunidade de rever. Aproveitem!

Roberto Borges, 21 de novembro de 2020.

Roberto Borges é Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER) do CEFET/RJ. Diretor de Áreas Acadêmicas da Associação Internacional de Investigadores e Investigadoras Negros e Negras da América Latina e do Caribe (AINALC) e membro do grupo de trabalho “Afrodescendência e Propostas Contra-Hegemônicas”, do Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales (CLACSO).

**DONA ROUXITA:
concepções e práticas contra-coloniais de uma Pajé Afropindorâmica**

**DONA ROUXITA:
conceptions and counter-colonial practices of an afropindoramica shaman**

José Sena³
Claubia Mendes⁴

Resumo

Dona Rouxita é uma mulher negra e pajé da Amazônia Marajoara. Pajé desde os sete anos de idade, Dona Rouxita se tornou famosa na cidade de Soure, onde vive, devido aos feitos de cura que realiza ao longo dos últimos 63 anos. Para além da pajelança, ela também tem se engajado em ações sociais na cidade de Soure, Ilha do Marajó, onde exerce importante influência sobre as práticas de cuidado em saúde do corpo e da espiritualidade. Ao apresentar um pouco da história e feitos de Dona Rouxita, o texto propõe reflexões fundamentais sobre a relação entre ancestralidade e (contra) colonialidade do saber.

Palavras-chave: Mulher. Negra. Amazônida. Pajé. Ancestralidade.

Abstract

Mrs. Rouxita is a black woman and shaman from the Amazon Marajoara. Shaman since the age of seven, Mrs. Rouxita became famous in the city of Soure, where she lives, due to the healing feats she has accomplished over the past 63 years. In addition to shamanism, she has also engaged in social actions in the city of Soure, Ilha do Marajó, where she has an important influence on the health care practices of her body and spirituality. By presenting a little of the history and deeds of Mrs. Rouxita, the text proposes fundamental reflections on the relationship between ancestry and (counter) coloniality of knowledge.

Keywords: Woman. Black. Amazon. Shaman. Ancestry.

³ Educador Amazônida alinhado ao debate Contra-colonial e Queer, José Sena é doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Faz parte da coordenação do GT *Intelectualidades Negras Brasileiras* da Revista *África e Africanidades*, é membro-fundador do Coletivo CABOKA e integrante do Núcleo de Estudos em Discursos e Sociedades – NUDES (UFRJ/CNPq). Contato: senaufjr@gmail.com

⁴ Cláudia Olive Carvalho Mendes é graduada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UFPA) e Especialista em Estudos da Linguagem Aplicada a Educação de Surdos (UFPA). Contato: claubia.carvalho@yahoo.com.br



Dona Rouxita ⁵

Irândilva Miranda da Dantas é a famosa Dona Rouxita. Nascida em 1950 na cidade de Soure, Amazônia⁶ Marajoara, nos contou que seu apelido veio já de nascimento “porque eu nasci gêmea com minha irmã, e ela era bem moreninha, então chamaram ela de “Roxinha”, e eu, que era um pouco mais clara, de “Rouxita” (MENDES; SILVA, 2017, p. 23). Dona Rouxita cursou até a 5^a série e criou 32 filhas/os, sendo 5 biológicos. Embora Dona Rouxita se posicione como mulher negra, reconhece o cruzo (RUNINO, 2019) de seu pertencimento racial com a ancestralidade indígena/pindorâmica⁷, pois ela se identifica como mulher pajé⁸.

⁵ Foto do acervo pessoal dos pesquisadores, com a autorização de Dona Rouxita.

⁶ A Amazônia Marajoara é um arquipélago composto por doze municípios (SENA, 2016). Autores/as amazônidas têm utilizado nomes que caracterizam as diferentes regiões da Amazônia no intento de confrontar a generalização colonizadora e subalternizante que historicamente insiste em apagar a diversidade humana, cultural, política, socioeconômica desse vasto território (ver SENA, 2020).

⁷ Podemos localizar Dona Rouxita como uma personalidade afro-pindorâmica, para usar a nomenclatura sugerida por Nego Bispo (SANTOS, 2015).

⁸ Sobre esse reconhecimento negro e indígena/pindorâmico, ver o texto de Josiclei Souza sobre o pensamento de Bruno de Menezes neste mesmo volume do caderno. Conferir também, neste volume, o texto de Antonio Ferreira sobre Nego Bispo.

A pajelança, enquanto conjunto de práticas e crenças xamanísticas, tem em suas expressões culturais diversos elementos da religiosidade indígena, africana e católica, mesclados em graus variáveis (MAUÉS, 1990). Para Tedlock (2008), há dois tipos de pajelança, a cabocla e a indígena: “A primeira seria resultado da relação entre diversas tradições culturais e religiosas (...) ocasionada a partir da colonização. E a segunda, refere-se mais às práticas e crenças restritas as aldeias e etnias indígenas” (MENDES; SILVA, 2017, p. 38).

Ao observarmos os discursos e os modos de vida de Dona Rouxita, percebemos que ela põe em prática o que Rufino (2019) chamou de perspectiva do *cruzo*, pois ela nos ensina outras possibilidades de ser e estar no mundo com o seu fazer, resistência e renovação nas práticas ancestrais indígenas, africanas e católicas. Segundo Rufino:

O *cruzo*, perspectiva teórico-metodológica da Pedagogia das Encruzilhadas, fundamenta-se nos atravessamentos, na localização das zonas fronteiriças, nos inacabamentos, na mobilidade contínua entre saberes, acentuando os conflitos e a diversidade como elementos necessários a todo e qualquer processo de produção de conhecimento (2019, p. 88-89).

Ao mobilizar as energias cruzadas em suas rezas e ações de cura, fazendo chamamentos tanto aos cabocos, índios, encantados, orixás, quanto aos santos da religião cristã católica, Dona Rouxita pratica o *cruzo*. Se por um lado podemos ler essa presença da religião de matriz judaico cristã nas práticas da pajé como marca da colonialidade branca européia, por outro, o modo como Dona Rouxita lida com essa herança colonial a inscreve em uma lógica contra-colonial (SANTOS, 2015). Para a pajé, apesar de trabalhar com base no catolicismo, ela entende que a pajelança “descende do índio e preto velho, a cura veio antes de Cristo. A cura veio do negro e do índio. As primeiras orientações das entidades foi assim, dizendo que a cura veio antes de Cristo”⁹.

⁹ Os trechos da fala de Dona Rouxita foram gravados em entrevista concedida no dia 03/09/2020.

Desde os sete anos de idade, Dona Rouxita se entende como pajé e a primeira cura que realizou foi a do próprio pai. Mas a pajé não apenas trabalha nas ações de cura, entrelaçando no seu modo de vida espiritualidade e ações sociais. Ela tem um papel importante na vida social da cidade, embora também atenda em outras regiões. É muito comum pessoas muito pobres, e que não têm condições de ir para capital cuidar de algum problema de saúde, procurarem por ela. No próprio posto de saúde da cidade, em varias situações, os próprios profissionais encaminham as pessoas aos cuidados de Dona Rouxita. Há casos, ainda, em que as próprias pessoas, antes de irem ao posto, passam com a pajé, e somente seguem se ela recomendar.

Além disso, a pajé criou uma creche que foi municipalizada, de onde ela recebe uma renda. Chegou a ter o reconhecimento municipal uma vez, mas para Dona Rouxita o reconhecimento mais importante é das pessoas que ela atende, são as curas realizadas. Ela nos contou, inclusive, sobre as ofertas de alimentos e outros presentes por parte da população em agradecimento aos seus feitos.

Diante do seu engajamento social e de resistência, entendemos Dona Rouxita como uma pajé afropindorâmica contra-colonial, se enquadrando, desse modo, na orientação político-epistêmica proposta pelo quilombola Nêgo Bispo:

[...] vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. Assim sendo, vamos tratar os povos que vieram da África e os povos originários das Américas nas mesmas condições, isto é, independentemente das suas especificidades e particularidades no processo de escravização, os chamaremos de contra colonizadores (SANTOS, 2015, p. 48).

Assim, Dona Rouxita pratica pajelança, caridade e resistência afropindorâmica ao longo de 63 anos. Ela nos conta que apesar de hoje praticar a pajelança com tranquilidade, nem sempre foi assim: “Antes a gente não tinha a facilidade pra trabalhar que a gente tem hoje”, “era escondido, porque se a polícia visse, ia

prendido o pajé com tudo”, “hoje posso ir na casa do meu paciente, levar meu tauari... trazer o paciente aqui”.

A pajé nos contou, ainda, sobre a grande importância de uma de suas filhas nas práticas de caridade, pois essa filha a deu condições materiais para que ela ajudasse a outras pessoas. Conforme narrou, foi a época em que mais pode contribuir com as pessoas de sua cidade, financeiramente falando, pois ela chegou a fazer 84 compartimentos de casa para famílias que não tinham a menor condição de vida para ter uma moradia decente (MENDES; SILVA, 2017).

É desse modo, com suas sabedorias de cura do corpo e do espírito, que Dona Rouxita também promove um engajamento social e permite com suas práticas a manutenção dessa cultura cruzada que é a pajelança, uma pajelança feita por uma mulher negra e que encontrou na convivência coletiva e na caridade outros modos de vida.

Diante dessa produção de saberes mobilizados pelas práticas de Dona Rouxita, propomos um debate epistemológico sobre a *verdade* no contexto da colonialidade do poder (QUIJANO, 1992). Ao partirmos do pressuposto de que a verdade é uma produção discursiva (FOUCAULT, 2003), colocamos em pauta a reflexão sobre como as práticas contra-coloniais de uma mulher pajé nos ajuda a pensar outros modos de imaginar a vida social no contexto contemporâneo. Que aspectos das práticas da pajé, assim como, de outros representantes dos saberes populares, nos ajudam a pensar verdades válidas para nossa vida coletiva no mundo em fluxo da modernidade recente?

Indicação: Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Edições Loyola, [1971]2003.

MAUÉS, R. H. **A Ilha Encantada**: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: UFPA, 1990.

MENDES, Cl. SILVA, T. **Pajé Practices**: discursive performances in Marajoara Amazon (21st Century). (Monografia de Conclusão de Curso) Licenciatura em Letras – Língua Inglesa. Universidade Federal do Pará – Campus de Soure/Marajó, Soure: Pará, 2017.

QUIJANO, A. "Colonialidad y Modernidad-racionalidad". In: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília, 2015.

SENA, J. Teatrinhos Elétricos: experiências com imagens no Marajó de Florestas. **Nova Revista Amazônica**, v. 8, p. 1-10, 2016.

SENA, J. **Corpos Dissidentes, Saúde Sexual e Microbiopolíticas de Resistência na Amazônia Atlântica. Trabalhos em Linguística Aplicada** – UNICAMP, Campinas, SP: 2020, No prelo.

TEDLOCK, B. **A Mulher no Corpo de Xamã**: O feminino na religião e na medicina. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

**ANTONIO BISPO DOS SANTOS (NÊGO BISPO):
Um expoente do pensamento quilombola**

**ANTONIO BISPO DOS SANTOS (NÊGO BISPO):
Un exponente del pensamiento quilombola**

Antonio Jeovane da Silva Ferreira¹⁰

Resumo

Este texto apresenta, em síntese, a trajetória de vida, obras e alguns conceitos desenvolvidos por Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nêgo Bispo. Nascido no Vale do Rio Berlingas, atualmente município de Francinópolis – Piauí, Nêgo Bispo é uma importante liderança e expoente da intelectualidade quilombola brasileira. Em sua obra *“Colonização, Quilombos. Modos e Significações”*, sob a qual nos debruçamos, o autor traz à baila uma “tradução” do pensamento e ensinamentos quilombolas para a perspectiva acadêmica, lançando mão da ressignificação dessas ideias e conceitos, já consagrados, mas que são lidos sob a ótica quilombola. Para essa construção nos servimos de entrevistas, resenhas e também de *lives* que abordaram a trajetória de Nêgo Bispo. Por fim, sua obra pode ser aproximada dos contextos pedagógicos a partir da compreensão das lutas identitárias e territoriais, estratégias “contra-coloniais” que fazem parte da vida nos quilombos na atualidade.

Palavras-chave: Colonização. Quilombos. Contra-colonização.

Resumen

Este texto resume la trayectoria de vida, obras y algunos conceptos desarrollados por Antônio Bispo dos Santos, más conocido como Nêgo Bispo. Nacido en el Vale do Rio Berlingas, actualmente en la ciudad de Francinópolis - Piauí, Nêgo Bispo es un importante líder y exponente del pensamiento y la intelectualidad quilombola brasileña. En su obra *“Colonização, Quilombos. Modos y Significados”*, bajo el cual miramos, el autor plantea una “traducción” de pensamientos y enseñanzas quilombolas a la perspectiva académica, utilizando el replanteamiento de estas ideas y conceptos, ya establecidos, pero que se leen desde la perspectiva quilombola. Para esta construcción utilizamos entrevistas, reseñas y también *lives* que recorrieron la trayectoria de Nêgo Bispo. Finalmente, su trabajo puede acercarse a los contextos pedagógicos a partir de la comprensión de la identidad y las luchas territoriales, por tanto, de las estrategias “contracoloniales”, que son parte de la vida de los quilombos hoy.

Palabras-clave: Colonización. Quilombos. Contracolonización.

¹⁰ Mestrando pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia – UFC/Unilab. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e membro da Associação dos Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e Adjacências (ARQUA). Contato: jeovanesilvaferreira@gmail.com



Nêgo Bispo ¹¹

Intelectual, lavrador, poeta, ativista político e liderança de renome no movimento nacional quilombola, Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Antônio, Mestre ou Nêgo Bispo, nasceu em 10 de dezembro de 1959, no Vale do Rio Berlingas, atualmente município de Francinópolis, estado do Piauí. Morador do Quilombo Saco-Curtume, localizado em São João do Piauí (PI), Nêgo Bispo é um dos grandes expoentes do pensamento e intelectualidade quilombola atuando na “contra-colonização da academia”¹².

Sua trajetória educacional é muito particular e conflui-se com a realidade vivenciada pelo povo quilombola quanto à escolarização, pois formou-se por mestres e mestras de ofícios através da oralidade e de seus ensinamentos e saberes ancestrais. Foi por meio deles e das demandas comunitárias que chegou à educação formal, fazendo parte das primeiras gerações de sua família a concluir o ensino básico (fundamental), atendendo, inclusive, as necessidades de seu próprio povo no sentido de compreender a linguagem mais culta para assim traduzir os contratos trabalhistas “escritos” para sua forma “oral” e vice-versa, auxiliando os mais velhos e aqueles que não dominavam a leitura e escrita.

¹¹ Disponível em: <http://conaq.org.br/noticias/encruzilhadas-no-caminho/>. Acesso em: 08 nov. 2020.

¹² Ver a apresentação do livro “*Colonização, Quilombos. Modos e Significações*” escrita pelo antropólogo José Jorge de Carvalho.

Diante de seu engajamento e luta pela terra, Nêgo Bispo se destacou à frente do Sindicato de Trabalhadores/as Rurais de Francinópolis, bem como da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no estado do Piauí¹³, e ainda pleiteou a carreira política. Seu encontro com o espaço universitário ocorreu recentemente, circunstância em que atuou como professor na disciplina de “Encontro de Saberes” na Universidade de Brasília (UnB) entre os anos de 2012 e 2013¹⁴.

Com o objetivo de abordar os modos de vida e o pensamento do povo quilombola, “traduzindo a oralidade para a escrita” (MARTINS *et al*, 2019, p. 76), Nêgo Bispo lançou em 2007 seu primeiro livro “*Quilombos, Modos e Significados*”, reeditado em 2015 sob novo título “*Colonização, Quilombos. Modos e Significações*” e que teve ampla repercussão, sendo incluído até mesmo nas ementas de cursos de graduação e pós-graduação em diferentes universidades brasileiras.

Como afirma o próprio autor¹⁵, sua obra traduz aquilo que seu povo lhe ensinou, manifesto em diferentes linguagens, para os moldes acadêmicos, por isso ressignifica conceitos e ideias já consagradas nesse meio sob a ótica do pensamento quilombola, tais como: desenvolvimento sustentável (biointeração), saber acadêmico e empírico (saber sintético e saber orgânico) e o conceito de colonização e contra-colonização, compreendendo-o enquanto “todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores¹⁶, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (SANTOS, 2015, p. 48).

Em síntese, a obra de Nêgo Bispo aborda pontos pertinentes da formação sócio-histórica e cultural brasileira, a exemplo da própria “colonização”, entendendo-a

¹³ Ver SANTOS, 2015.

¹⁴ O programa “*Encontro de Saberes*” é um projeto do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI) da Universidade de Brasília (UnB). Seu propósito é a criação de um espaço dialógico com mestres/mestras tradicionais como indígenas, quilombolas e outros grupos/povos, cujo conhecimento foi historicamente relegado pela academia.

¹⁵ Refiro-me a *live* realização via Instagram pelo Prof. Renato Nogueira, em 23 de junho de 2020, onde entrevista Nêgo Bispo.

¹⁶ Bispo (2015) refere-se como contra colonizadores os povos da diáspora africana, bem como os povos originários das Américas.

como “todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra” (SANTOS, 2015, p. 47-48). Sobre este ponto, Bispo enfatiza assertivamente que, diante de todo esse processo de violência sofrida, os contra colonizadores protagonizaram fortes embates, mobilizando estratégias “contra-coloniais” de resistência e luta frente a esse sistema/ideologia opressora.

É a partir dessa mobilização contra-hegemônica que os Quilombos foram sendo forjados – mesmo que tal nomenclatura seja, na perspectiva de Bispo, fruto de uma classificação colonial. Isso, por sua vez, impactou diretamente no sistema colonial (MOURA, 1987), causando profundas rupturas, o que fez com que tais agrupamentos fossem incansavelmente perseguidos e até mesmo exterminados, sendo considerados crime/criminosos – situação que só sofreu mudanças substanciais a partir da Constituição Federal de 1988 (SANTOS, 2015).

Como exemplo deste pleito, Bispo cita a trajetória do Quilombo dos Palmares em Alagoas, de Canudos na Bahia, Caldeirões no Ceará e Pau de Colher entre Bahia e Piauí, que foram perversamente atacados pelas forças hegemônicas e colonizadoras de sua época. Um ponto importante nesta discussão é que a atuação brutal colonizadora não cessou do ponto de vista histórico, pelo contrário, continua vigente até mesmo no período em que nos encontramos, diga-se, no “Estado Democrático de Direito”, circunstâncias em que se repetem as “práticas de violência, de subjugação, de invasão, de expropriação e de etnocídio” (SANTOS, 2015, p. 52).

O que o protagonismo dos grupos contra colonizadores nos mostra, em diferentes temporalidades, é que diante das adversidades e das atuais necropolíticas¹⁷ (MBEMBE, 2018) é preciso (re)modular e fortalecer as identidades, os modos de vida, os símbolos e as lutas em defesa dos territórios ancestrais. Portanto, é

¹⁷ Na perspectiva de Mbembe (2018), as práticas necropolíticas consistem na forma como os “colonizadores” exercem seu poder (econômico, político, social etc.) para determinar como pessoas/grupos/etnias poderão viver ou ainda como estas deverão morrer.

neste viés, entre tantos outros que podem ser apreendidos a partir do aprofundamento de sua obra, que podemos aproximar o pensamento quilombola de Nêgo Bispo aos diferentes contextos pedagógicos pensando, de um lado, a dimensão atual das comunidades quilombolas no Brasil, suas trajetórias, conquistas e desafios, tecendo críticas à forma como estas continuam sendo invisibilizadas, bem como suas demandas e lutas identitárias e territoriais e, de outro lado, pensar tal realidade a partir da sua aproximação, aplicando-a ao contexto em que tanto estudantes como professores estão inseridos.

Enquanto proposta didático-metodológica com enfoque no Ensino Fundamental 1, 2 e que pode se estender também ao Ensino Médio, poderá ser realizada em sala de aula uma atividade de mapeamento das comunidades quilombolas, acompanhado de uma pesquisa utilizando recursos digitais, impressos ou contando ainda com a própria intervenção docente, sobre a trajetória dessas comunidades, seus desafios, demandas e estratégias de resistência, de forma que os estudantes possam aprofundar o conhecimento sobre a temática e socializá-las com os demais estudantes, especialmente aquelas que porventura possam estar inseridas em seu próprio contexto municipal, regional e/ou estadual. Essa atividade objetiva pôr em evidência as lutas, desafios atuais e as estratégias “contra coloniais” quilombolas, rompendo com os esteriótipos históricos que tanto cristalizam sua identidade no tempo passado, como invisibilizam suas demandas no tempo presente.

REFERÊNCIAS

MARTINS, G; JUNIO FELIPE, H; LEAL, N. S.; SILVA, S. E. L. **Das confluências, cosmologias e contracolônizações. Uma conversa com Nego Bispo.** Entre Rios – Revista do PPGANT –UFPI, p. 73-84-84, 2019.

MBEMBE, A. **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo.** São Paulo, Editora Ática, 1987.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos. Modos e Significações.** Brasília: INCTI/UnB, 2015.

**NILMA LINO GOMES:
Reflexões para uma educação para a igualdade**

**NILMA LINO GOMES:
Reflections for education for equality**

Iago Vilaça de Carvalho¹⁸

Resumo

Uma representante potente e inspiradora da intelectualidade brasileira, mulher negra, ativista, pedagoga, antropóloga e educadora, Nilma Lino Gomes nos convida para o debate e as reflexões sobre educação das relações étnico-raciais. Com uma vasta produção acadêmica e política, Nilma nos apresenta discussões de grande relevância no que se refere a uma educação outra, preocupada com o desenvolvimento das potencialidades negras, bem como a construção de identidades étnico-raciais comprometidas com o respeito e a justiça social. A autora atribui um lugar de destaque ao Movimento Negro na produção de saberes relevantes para o país, no que se refere às conquistas sociais, atingidas principalmente a partir da abertura democrática no cenário político brasileiro e latino-americano. Sendo assim, refletir sobre as contribuições de Nilma é repensar o papel pedagógico da educação no combate às desigualdades sociais, raciais e de gênero, valorizando narrativas contra-hegemônicas de diferentes sujeitos para promoção de equidade.

Palavras-chave: Nilma Lino Gomes. Biografia. Educação das relações étnico-raciais.

Abstract

A powerful and inspiring representative of the Brazilian intellectuality, black woman, activist, pedagogue, anthropologist and educator, Nilma Lino Gomes invites us to think and debate about the education of ethnic-racial relations. With a vast academic and political production, Nilma presents discussions of great relevance with regard to another education, concerned with the development of black potentialities, as well as the construction of ethnic-racial identities committed to respect and social justice. The author attributes a prominent place to the Black Movement in the production of relevant knowledge for the country, with regard to social achievements, achieved mainly from the democratic opening in the Brazilian and Latin American political scene. Therefore, reflecting on Nilma's contributions is rethink the pedagogical role of education in combating social, racial and gender inequalities, valuing the counter-hegemonic and narratives of different subjects to promote equity.

Keywords: Nilma Lino Gomes. Biography. Education for ethnic-racial relations.

¹⁸ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ). Graduado em Licenciatura em Química pela UFRJ. Contato: iago.v.carvalho@gmail.com



Nilma Lino Gomes¹⁹

Uma das intelectualidades negras de grande destaque na luta antirracista e na justiça social no cenário nacional, a professora Nilma Lino Gomes apresenta contribuições de enorme relevância para o combate aos preconceitos que atravessam nosso país, em especial na Educação, além de representar uma grande inspiração para pensarmos uma educação transformadora. De acordo com o verbete biográfico do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (FGV, [s.d.]), e com informações do Currículo Lattes da autora (GOMES, 2020), nascida em Belo Horizonte (MG), Nilma graduou-se em Pedagogia pela UFMG e possui mestrado em Educação pela mesma universidade. Concluiu seu doutoramento em Antropologia Social pela USP e também possui pós-doutorado em Sociologia pela Universidade de Coimbra e em Educação pela UFSCAR.

Nilma Gomes também possui uma grande lista de produções, dentre artigos e publicações em livros, como *A mulher negra que vi de perto* (1995), *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (2006), *Um olhar além das fronteiras* (org.)

¹⁹ Disponível em: <http://www.somos.ufmg.br/img/fotos/7444449891704854.jpg>

(2007), *O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação* (2017). Foi coautora do livro *O negro no Brasil de hoje* (2004), do professor Kabengele Munanga, além de ser autora de livros para a infância: *Betina* (2009) e *O menino coração de tambor* (2013).

Com uma extensa produção intelectual, a atuação de Nilma não se deu apenas no campo acadêmico e educacional. Em 2013, foi nomeada como reitora *pró-tempore* da UNILAB, tornando-se a primeira mulher negra a estar à frente de uma universidade pública federal. Além disso, a professora também atuou na esfera política como ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial durante o governo da presidenta Dilma Rousseff em 2015. Mais tarde, no mesmo ano, foi nomeada para o recém criado Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, onde atuou até o afastamento de Dilma Rousseff pelo processo de impeachment, em 2016.

Também recebeu diversos prêmios, principalmente no que se refere a sua atuação com a educação das relações étnico-raciais, dentre eles estão: o prêmio Efigênia Francisca, em 2016, o Diploma Abdias Nascimento e a Medalha Zumbi dos Palmares, e outros. As reflexões de Nilma em muito contribuem para pensarmos a intelectualidade negra, como um convite para a luta antirracista e o engajamento social e crítico.

Destaco agora a contribuição de sua obra *O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação* (2017). No referido livro, a autora nos convida a considerar e a valorizar a produção epistêmica e política do Movimento Negro, que protagonizou uma série de mudanças sociais, fruto das pautas e das reivindicações dos movimentos sociais. Dentre estas mudanças a autora destaca principalmente os marcos legais criados a partir dos anos 2000, como as leis de cotas nas universidades e nos concursos públicos; a criação da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e sua revista; a criação de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABs e NEABIs); a mudança nas ementas para a inclusão de disciplinas sobre

relações étnico-raciais; a criação da Lei Federal nº 10.639/03 e da Lei Federal nº 11.645/08, que alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação para a inclusão da pauta étnico-racial através do ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras e indígenas nas escolas.

Muitas foram estas conquistas e que só foram possíveis graças à articulação de diferentes vozes e cores, juntamente aos órgãos públicos. Dessa forma, Nilma problematiza a validação do conhecimento através do discurso científico, reivindicando os saberes produzidos no seio da comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro como igualmente válidos. Assim, a autora elenca três categorias de saberes produzidos pelo Movimento Negro: “os saberes identitários, os políticos e os estético-corpóreos” (GOMES, 2017, p. 69).

Os saberes identitários têm relação com o debate sobre o conceito de raça que tem sido recolocado em discussão pelo Movimento Negro, principalmente no que se refere às ações afirmativas. Este debate tem inundado a vida dos brasileiros em diferentes instâncias, o que tem possibilitado “expandir e politização da raça e da identidade negra para lugares nos quais elas antes não eram consideradas ou eram invisibilizadas” (GOMES, 2017, p. 71). Neste sentido, têm sido temas de discussões as questões como colorismo, ações afirmativas, apropriação cultural, o que tem permitido ao debate avançar frente aos desafios impostos pela complexidade da identidade negra no Brasil.

Segundo Gomes (2017), os saberes políticos são aqueles produzidos à medida que o debate racial ganha espaço na sociedade, demandando uma resposta das políticas públicas para a adoção de medidas contra a desigualdade, que sejam baseadas em critérios de raça. Dessa forma, o critério antes utilizado para fundamentar as práticas racistas e para definir o papel social da comunidade negra passa a ser ressignificada para a mitigação das desigualdades. Ou seja, os debates raciais ganham um lugar de destaque e passam a exigir mudanças concretas na cena política por meio da criação e do cumprimento de leis que visam à emancipação de

diferentes grupos sociais. Nilma ainda destaca a atuação das ativistas negras dentro dos movimentos sociais para que o Movimento Negro também repensasse suas práticas e pudesse incorporar pautas de outros grupos marginalizados, tendo a raça como categoria analítica para compreender as desigualdades sociais, o sexismo, a LGBTfobia, entre outras formas de violência.

Por fim, a autora traz os saberes estético-corpóreos como sendo os saberes ligados ao reconhecimento da corporeidade e da estética dos corpos negros. Este reconhecimento é construído a partir da reconfiguração de lugares de maior destaque social — como o espaço universitário, associações e núcleos de pesquisadores e cargos públicos — que passam a ser ocupados por pessoas negras. Esta nova configuração espacial passa a acontecer, principalmente, devido às ações afirmativas que colocam em xeque o padrão estético eurocêntrico destes lugares. Dessa forma, por exemplo, ao ingressar no ensino superior, a juventude negra pode se reconhecer, e ser reconhecida, no espaço universitário. Por isso, é possível perceber na estética negra um caminho para a afirmação e construção da identidade dos futuros estudantes (GOMES, 2017).

Como proposta reflexiva, Nilma apresenta uma possibilidade de articulação entre os diferentes movimentos sociais (Movimento Negro, Movimento Sindical, Movimento Feminista, Movimento LGBT, Movimento Indígena, Movimento de Mulheres Negras, Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra) para a defesa de seus direitos e pela luta contra a desigualdade chancelada pelo “racismo, o patriarcado e o capitalismo global” (GOMES, 2017, p. 127). Para a autora, a comunicação e a mobilização destas diferentes frentes guardam a potência e a força emancipatória para a insubmissão epistêmica contra os sistemas de opressão. Desta maneira, a partir do respeito, visibilidade e reconhecimento das especificidades e dos saberes produzidos por cada um destes movimentos seria possível a construção de um ambiente favorável à justiça social.

A partir do aporte teórico promovido pelas obras de Nilma Lino Gomes, podemos pensar em alguns encaminhamentos e sugestões de possíveis abordagens para subsidiar a prática docente. Uma possibilidade é o estreitamento dos laços entre as escolas e os representantes locais do Movimento Negro, que podem colaborar tanto em atividades na escola, quanto na concepção de um currículo escolar e uma nova postura do corpo social escolar. Nesse sentido, a participação destes membros da sociedade civil pode auxiliar os profissionais da educação no diálogo com as comunidades locais, estabelecendo redes de aprendizagem dentro e fora da escola.

Podemos pensar também no incentivo à participação dos representantes dos movimentos sociais para a composição dos conselhos municipais e estaduais de educação, tão importantes para as reflexões no plano educacional. Esta participação pode ser de grande ajuda, por exemplo, para a orientação na escolha de materiais didáticos antirracistas, que privilegiam uma narrativa que supere estereótipo. Assim, podemos também conceber diretrizes educacionais que dialoguem com pautas da população negra, promovendo novas formas de aprendizagem, através dos saberes identitários, políticos e estéticos corpóreos em diferentes campos da vida.

REFERÊNCIAS

FGV. **Nilma Lino Gomes | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/nilma-lino-gomes>>. Acesso em: 6 set. 2020.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, N. L. **Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Nilma Lino Gomes)**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7444449891704854>>. Acesso em: 6 set. 2020.

**DE PEDRO A BROWN:
O racional poeta da periferia**

**FROM PEDRO TO BROWN:
The racional poet of the periphery**

Gabriel Delphino Fernandes de Souza²⁰

Resumo

Considerado o maior rapper brasileiro, Mano Brown é símbolo de uma juventude negra que sobreviveu à década perdida e a seguinte. Retrato do seu tempo, se fez voz de uma periferia que até então não a tinha, denunciando o descaso estatal, o racismo explícito e implícito e a violência urbana da Zona Sul da metrópole paulista dos anos 1990. Representante, pastor, líder, entre as diversas denominações que o atribuem, o predicado é o que lhe representa melhor: “da periferia”.

Palavras-chave: Mano Brown. Racionais MC’s. Rap. Intelectual Negro. Pensamento Negro.

Abstract

Considered the greatest Brazilian rapper, Mano Brown is a symbol of a black youth that survived the lost decade and the next. Portrait of his time, a voice was heard from a periphery that until then had not had it, denouncing state neglect, explicit and implicit racism and urban violence in the South Zone of the São Paulo metropolis of the 1990s. Representative, pastor, leader, among the different denominations that attribute it, the predicate is what best represents it: “from the periphery”.

Keywords: Mano Brown. Racionais MC’s. Rap. Black Intellectual. Black Thought.

²⁰ Mestrando em Ciência Política pela UFF e graduado na mesma área pela UNIRIO. Contato: gabrieldelphino20@gmail.com



Mano Brown ²¹

Dia 22 de abril de 1970, na cidade de São Paulo, nascia Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown. Conectado ao *soul*, samba e *funk* desde a infância, Pedro cresceu ouvindo esses ritmos e a partir deles iniciou um laço íntimo com a música. Não por acaso, inspirado pelo álbum Racional, de Tim Maia, funda juntamente com Ice Blue, Edi Rock, e KL Jay o grupo Racionais MC's, em 1988.

A partir disso, sua história se confunde com a do grupo, sendo o maior conjunto de *rap* do país e o maior nome do gênero no Brasil. Com o grupo foram nove álbuns, uma coletânea, dois álbuns ao vivo e um DVD²², em carreira solo Brown tem um álbum de estúdio²³. Também venceu sete prêmios com o grupo²⁴ e foi indicado ao Grammy Latino com seu trabalho mais recente. Além disso, é

²¹ Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/em-primeiro-%C3%A1lbum-solo-mano-brown-prova-que-os-brutos-tamb%C3%A9m-amam-1.433531> Acesso em 12/11/2020.

²² Holocausto Urbano (1990), Escolha o Seu Caminho(1992), Raio-X do Brasil(1993), Racionais MC's (Coletânea, 1994), Sobrevivendo no Inferno (1997), Racionais MC's Ao Vivo (2001), Nada como um Dia Após o Outro Dia (2002), 1000 Trutas, 1000 Tretas (DVD, 2006) e Cores & Valores (2014).

²³ Boogie Naipe (2016).

²⁴ Escolha da Audiência (VMB, 2008), Grupo ou Artista Solo (Prêmio Hutúz, 2002), Música (Ordem ao Mérito Cultural, 2006), Melhores Artistas da Década (Prêmio Hutúz, 2009), Clipe do Ano (VMB, 2012), Melhor Show com a turnê de 25 anos (Prêmio Multishow, 2014) e Melhor álbum (Rolling Stone Brasil, 2015).

considerado pela revista Rolling Stone Brasil o 28º maior artista da música brasileira²⁵.

É válido mencionar que o rap é um dos elementos fundantes da cultura *Hip-hop*, que carrega cinco pilares fundamentais: o *rap*, o *DJing*, o *breakdance*, o *grafitti* e o conhecimento, de modo que esse último tenha que estar presente em todos os outros, de maneira a educar a comunidade por meio das performances artísticas. Como *rapper*, Brown compôs obras que reverberam nos ouvidos de jovens e crianças por todo país até os dias atuais, sendo o nome de maior peso do gênero no Brasil.

As letras dos Racionais, em sua maioria, tratam de temas caros à sociedade brasileira, como racismo, violência urbana, miséria, desigualdade social. É um rompimento histórico da música brasileira com uma narrativa que historicamente vinha sendo hegemonizada, a da “democracia racial”, apelando para a harmonia entre as raças e sincretismo. O discurso do grupo vem em um tom ácido e revolucionário, denunciando explicitamente as contradições da realidade e de quem a sustenta. Um bom exemplo disso é visto no trecho da música de “Racistas Otários”:

Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais

Brown nesse trecho critica a academia, chamando atenção para a dimensão racial da desigualdade, do racismo intrínseco nos problemas sociais, o que não é consenso até os dias atuais. A denúncia do racismo em todos os ambientes e a valorização do negro são marcas do artista e do grupo, presente em quase todas as obras.

Sobre os álbuns, no ano de 2018 a UNICAMP adicionou “Sobrevivendo no Inferno” como uma das leituras obrigatórias para o vestibular da universidade²⁶.

²⁵ Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/edicao/25/os-100-maiores-artistas-da-musica-brasileira/> Acesso em: 07 set. 2020.

Recentemente transformado em livro, não apenas evidencia o caráter pedagógico da obra, mas consolida sua materialidade, servindo como fonte de estudo para a juventude no país.

A relevância desse personagem fala por si, trazer reflexões de pessoas como Brown é adicionar uma perspectiva rica ao assunto abordado, com a perspectiva de alguém que vivenciou e produziu pensamento a partir da sua realidade. A busca por uma nova produção de conhecimento, que seja protagonizada e compartilhada por negros tem sido uma luta há anos, e o rap parece ter um papel fundamental nesse processo. A proximidade com a juventude, e sua linguagem, atrai ouvintes para certas temáticas que não necessariamente procurariam por conta própria.

Levar suas produções para a sala de aula pode ser um grande auxílio para professores que desejam engajar seus alunos em debates contemporâneos. Com uma arte que reflete o seu tempo, os temas cantados nas letras de Brown e Racionais exprimem o que tem de pior na sociedade brasileira. Temas como violência urbana, racismo, desigualdade social, religião, afetos, luta de classes são frequentes em suas obras e, por serem relatos musicais, possuem um apelo forte com o público juvenil.

A contemporaneidade dos assuntos ainda é explícita, as temáticas presentes nos álbuns do grupo, como racismo, miséria, violência e crime são marcas do passado e presente do país. Todas as suas obras podem ser tratadas no ambiente pedagógico, como, por exemplo, em “Diário de um Detento” a denúncia do Carandiru é o tema central da música, trabalhar as questões do encarceramento em massa, violência policial e produção de memória e esquecimento a partir dela é uma possibilidade, “Negro Drama” e a exaltação da negritude e a realidade do negro no Brasil, dentre outras.

²⁶ Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/clipping/2018/05/24/rationais-no-vestibular>
Acesso em: 17 out. 2019.

Portanto, a riqueza de Brown se faz em suas escrevivências (EVARISTO, 2008), servindo como exemplo para a juventude negra brasileira, assim como suas letras servem como porta de entrada para problemas latentes no Brasil contemporâneo.

Indicação: Ensino Médio e Superior.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. **Escrevivências da afro-brasilidade**: história e memória. Releitura, Belo Horizonte, nº 23, 2008.

MANO BROWN. **Boogie Naípe**: Boogie Naípe, 2016. 1 CD.

EMICIDA. Amoras. In: Emicida. **Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...**: Laboratório Fantasma/ Sony Music, 2015. 1 CD. Faixa 4.

OLIVEIRA, A. S. de. **O fim da canção? Racionais MC's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro**. São Paulo: FFLCH-USP, 2015. (Tese de Doutorado em Literatura Brasileira)

RACIONAIS MC's. **Cores e Valores**: Cosa Nostra/ Boogie Naípe, 2014. 1 CD.

RACIONAIS MC's. **Holocausto Urbano**: Zimbabwe, 1990. 1 EP.

RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**: Cosa Nostra, 1997. 2 CD's.

RACIONAIS MC's, **Raio X do Brasil**. Zimbabwe Records, 1993. 1 EP.

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no Inferno**. 1ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

POR QUE É NECESSÁRIO CONHECER BEATRIZ NASCIMENTO

WHY YOU NEED TO KNOW BEATRIZ NASCIMENTO

Ivan Felipe Fernandes Gomes²⁷

Resumo

Este artigo tem como objetivo resgatar uma intelectual negra da década de 1970 no Brasil, que teve suas pesquisas legadas a invisibilidade nos meios acadêmicos, contudo, os debates abordados por Beatriz Nascimento se fazem vivos até hoje no campo das ciências sociais das relações raciais brasileiras, e dão chão teórico a vários conceitos que se fazem efervescentes na atualidade. Beatriz passou pela ditadura militar e pela redemocratização brasileira e em 30 anos de pesquisa acadêmica, produção literária e cinematográfica, ela buscou exortar a negritude brasileira, desconstruindo estereótipos, e reescrevendo a historiografia brasileira a partir do protagonismo negro. Suas principais temáticas giraram em torno do conceito de Quilombo, sobre os movimentos negros da década de 1970 e a mulher negra na sociedade.

Palavras-chave: Beatriz Nascimento. Quilombo. Reescrita do negro.

Abstract

This article aims to rescue a black intellectual from 1970sin Brazil, who had her researches bequeathed to invisibility in academic circles, however, the debates addressed by Beatriz Nascimento are still alive today in the field of social sciences of Brazilian race relations, and give theoretical ground to several concepts that are effervescent today. Beatriz went through the military dictatorship and the Brazilian redemocratization and in 30 years of academic research, literary and cinematographic production, she sought to exhort Brazilian blackness, deconstructing stereotypes, and rewriting Brazilian historiography based on black protagonism. Her main themes revolved around the concept of Quilombo, about the black movements of the 1970s and the black woman in society.

Keywords: Beatriz Nascimento. Quilombo. Blackrewrite.

27 Graduado em História pela UERJ-FFP (Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Faculdade de Formação de Professores), pós-graduando pela FIOCRUZ em Direitos humanos, saúde e racismo e pelo CPEI (Colégio Pedro II) em EREREBÁ (Educação das Relações Étnico Raciais no Ensino Básico). Coordenador do GT Intelectualidades Negras Brasileiras na Revista África e Africanidades e integrante do G.E.N.T.E (Grupo de Estudos Negritudes e Transgressões Epistêmicas. E-mail: ivanfelipesenai@gmail.com)



Beatriz Nascimento 1942-1995 ²⁸

A intelectual negra Maria Beatriz Nascimento, mais conhecida como Beatriz Nascimento, é uma importante figura para a historiografia brasileira. Nascida no estado de Sergipe, mais especificamente na cidade de Aracaju, no dia 12 de julho de 1942, Beatriz é filha de pai que por profissão era pedreiro e mãe dona de casa, ambos sem muita formação educacional. Tinha nove irmãos, e aos sete anos de idade sai de Aracajú, com sua família, rumo à cidade do Rio de Janeiro no sudeste do Brasil em busca de uma vida melhor. Ao chegar ao Rio de Janeiro, Beatriz e sua família passam a morar na zona norte da cidade no bairro do Cordovil.

Beatriz se graduou em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fez pós-graduação *Latu Senso* pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em História do Brasil e mestrado pela UFRJ em Comunicação Social. Beatriz também foi pesquisadora pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) e pelo Arquivo Nacional, e trabalhou como professora na rede pública do Rio de Janeiro no Colégio Estadual

²⁸ NASCIMENTO, 2018, p. 4.

Roma. Beatriz Nascimento foi uma escritora voraz, suas obras permeiam tanto o campo acadêmico, jornalístico, cinematográfico e também literário o qual a mesma deixou mais de 1000 textos entre poesias e aforismos.

Beatriz Nascimento é uma importante figura para o movimento negro Brasileiro e internacional, pois em sua trajetória foi fundadora de importantes grupos de pesquisa no campo das relações raciais brasileiras e cultura afro-brasileira na década de 1970, como Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Grupo de Trabalho André Rebouças²⁹ (GTAR)³⁰. Beatriz fez parte também da Sociedade Internacional Brasil África (SINBA), e participou do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) na Universidade Candido Mendes (UCAM), na zona Sul do Rio de Janeiro.

A atuação de Beatriz no CEAA tem de início duplo protagonismo, pois o primeiro texto discutido foi seu artigo “Por uma história do homem negro”, e a quebra de paradigmas, pois o artigo tinha como objetivo uma reescrita da história do negro no Brasil, deixando de lado a velha historiografia que retratava o povo negro brasileiro a partir do olhar legado à subalternidade, criminalidade, dentre outros estereótipos. Para Beatriz, era preciso visualizar o negro a partir de uma percepção na qual os negros fossem retratados como indivíduos protagonistas de suas próprias histórias, o que hoje pode parecer o presumível, conquanto, na época em que Beatriz estava a tencionar os debates, essa visão não era bem vista (NASCIMENTO, 1974a).

²⁹ André Rebouças (1838-1898) foi o primeiro engenheiro negro a se formar na Escola Politécnica do Largo de São Francisco, em São Paulo. Ele participou do movimento abolicionista e criou a Confederação Abolicionista, junto com José do Patrocínio. Usualmente é pouco citado seu protagonismo, e de outros homens negros, no movimento Abolicionista. Na concepção de Rebouças, a Abolição deveria incluir uma reforma nacional que garantisse concessão de terras e educação para a população negra.

³⁰ O GTAR foi um grupo fundado por Beatriz Nascimento e estudantes negros da UFF, que tinha como objetivo dentre outras coisas a promoção de uma historiografia que contasse a história do negro brasileiro como protagonista de sua história, e foram responsáveis por eventos como a “Semana de Estudo sobre a contribuição do Negro na Formação Social Brasileira” Evento iniciado em 1975 que trazia anualmente pesquisadores e especialistas que trabalhavam com questões raciais. Os dados aqui elencados podem ser encontrados no Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Caixas: 16. Pasta: 4. Documento: 6. Código de Referência: BR NA, RIO 2D.

No que tange a questão do racismo na sociedade brasileira, Beatriz Nascimento estava na vanguarda do debate trazendo assim uma perspectiva decolonial³¹, observando de forma cirúrgica que o racismo brasileiro estava na estrutura da nossa sociedade, ou seja, o racismo no Brasil está inserido em todas as relações, seja social, de gênero, institucional, nos costumes entre outros. (NASCIMENTO, 1974b). Vale notar que na época em que Beatriz tencionava o debate acerca do racismo a brasileira, este tema era considerado de teor subversivo e que feria a lei de segurança nacional instituída em 1969 pela ditadura militar (1964-1985) (KÖSSLING, 2007).

A grande temática de Beatriz Nascimento é o conceito de Quilombo, contrariando a historiografia hegemônica da época. Beatriz trazia consigo outra visão, percebendo o quilombo como uma sociedade, com todas as qualidades e defeitos de uma sociedade, tirando assim um olhar de pura subalternidade e insurgência tida no conceito de quilombo da historiografia vigente, reconhecendo o protagonismo negro, exortando a negritude, reconhecendo traços que remontavam estruturas sociais e culturais de países africanos dos quais a população negra brasileira possuía ascendência. Beatriz consegue correlacionar, ainda, por meio dos arquivos policiais, espaços que hoje constituem favelas, que originalmente eram quilombos (NASCIMENTO, 1977; 1989; 2018).

Dentre as expressivas produções de Beatriz, pode-se citar *Orí* (NASCIMENTO, 1989), documentário escrito e narrado pela própria e filmado por Raquel Gerber, que nas palavras de Beatriz “Trata-se de um filme fundamentado em minha trajetória de vida, enquanto mulher, enquanto negra e especializada em

³¹ A perspectiva decolonial se enquadra na visão contra hegemônica de um pensamento colonial, essa visão não desconsidera outras epistemologias, conquanto, dá protagonismo à visão de mundo de indivíduos subalternizados. Autores como Joaze Bernardino e Ramón Grosfoguel entendem que a obra de Beatriz Nascimento se enquadra dentro de uma perspectiva decolonial do pensamento, pois assim como ela outros intelectuais negros brasileiros como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Abdias Nascimento e Clovis Moura têm discursos a partir da diferença colonial, ou seja, a partir do lugar epistêmico de negro na sociedade brasileira (COSTA; GROSFUGUEL, 2016, p. 20).

História do Brasil, assim como minha inserção no movimento político de afirmação da negritude” (NASCIMENTO, 1992).

Se não bastassem os temas anteriormente citados que tencionavam a historiografia, Beatriz, já na década de 1970, fazia críticas a corrente marxista, trazendo para o debate dois outros aspectos centrais para o entendimento da sociedade brasileira, além da classe social, que eram a questão da raça e de gênero (NASCIMENTO, 1976).

Em 1995 Beatriz é assassinada, por defender uma amiga que sofria violência doméstica, um crime que hoje seria tipificado como feminicídio. Entre os inúmeros temas abordados pela autora, podemos citar a mulher negra no mercado de trabalho, escravos a serviço do progresso nacional, corporeidade negra, a importância das mulheres negras nos quilombos, a correlação entre favela e quilombo, a sociologia do exótico, a mulher negra e o amor, entre inúmeros outros temas abordados em quase três décadas de produção acadêmica, jornalística, cinematográfica e literária. Na atualidade, Beatriz Nascimento possui uma ala na Biblioteca Nacional onde sua obra está disponibilizada desde 1999.

Proposta pedagógica

Beatriz Nascimento em sua obra abordou tantos temas que as possibilidades pedagógicas que podem ser trabalhadas a partir de sua obra e trajetória são infindáveis, conquanto, a proposta escolhida se insere em diferentes âmbitos como o ambiente escolar, grupos de estudos, espaços acadêmicos, entre outros. A proposta se insere, ainda, em diversas áreas das ciências humanas e sociais, pois se pode trabalhar a partir da pesquisa de Beatriz da correlação entre a favela e o quilombo no Rio de Janeiro, noções como território, memória cultural e patrimonial da cultura negra, identidade entre inúmeros outros processos. Logo a proposta se insere em um debate entre território e memória. Reconhecer estes espaços que antes eram

quilombos e hoje são favelas, descontruindo os apagamentos, silenciamentos e esquecimentos que a historiografia convencional proporcionou, resgatando a negritude desses espaços. A metodologia pode variar em uma aula de campo, ou pesquisa em periódicos.

Indicação: Fundamental 2, Ensino Médio e Superior.

REFERÊNCIAS

COSTA, J. B.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, janeiro/abril, 2016.

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

KÖSSLING, K. S. **As Lutas Antirracistas de afrodescendentes sob a vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

NASCIMENTO, A. M. Em defesa de uma epistemologia destoante: notas sobre a perspectiva africanocentrada. **Revista Eixo**, Brasília-DF, v. 6, n. 2 (Especial), novembro, 2017.

NASCIMENTO, A. M. Por uma história do homem negro. **Revista de Cultura Vozes**. 68(1), Petrópolis, 1974, p. 41-45. (a).

NASCIMENTO, A. M. Negro e Racismo. **Revista de Cultura Vozes**. n. 68, Petrópolis, 1974. p. 65-68. (b).

NASCIMENTO, A. M. O negro visto por ele mesmo. Rio de Janeiro, **Revista Manchete**, setembro, 1976.

NASCIMENTO, A. M. O Quilombo e a historiografia. In: Quinzena do Negro, São Paulo. (mimeo). 1977. **Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento**. Caixa: 29. Código de Referência: BR NA, RIO 2D.

NASCIMENTO, A. M. **Textos e Narração de Ori**. Transcrição (mimeo). 1989.

NASCIMENTO, A. M. **Beatriz Nascimento: Quilombola e intelectual** – Possibilidade nos dias da destruição. Editora Filhos da África, 2018.

**VALENTIM DA FONSECA E SILVA,
um mestre no jardim**

**VALENTIM DA FONSECA E SILVA,
Un maestro en el jardín**

Edwilson da Silva Andrade³²

Resumo

Diante da necessidade de abordar o tema sobre intelectualidades negras brasileiras, promovendo um justo resgate de parte relevante de nossa historiografia, é que nasceu o presente texto, com o intuito de reconhecer que a população afro-brasileira é produtora de uma imensa riqueza social, política e cultural. Sendo assim, o que nos interessa aqui é resgatar a importância que negros e pardos tiveram em episódios-chave da história brasileira, e no caso de Valentim da Fonseca e Silva, o principal legado foi o de mudar a aparência de uma cidade, com seus múltiplos talentos como escultor, entalhador, arquiteto, urbanista e paisagista. Considerado um dos mais completos artistas do Brasil colonial, ele é o autor do primeiro jardim público aberto à população nas Américas, contribuindo de forma significativa na modernização da capital fluminense, que na ocasião era a capital do vice-reino do Brasil.

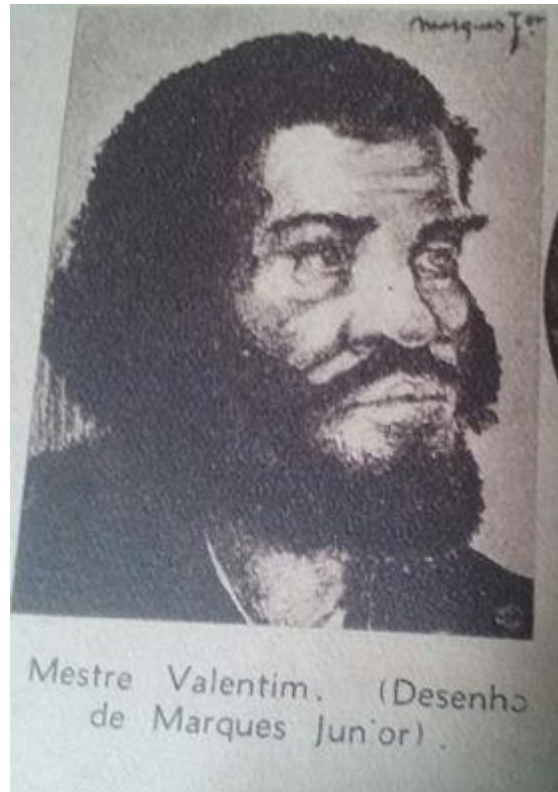
Palavras-chave: Mestre Valentim. Arte Sacra. Jardim público. Afrodescendente.

Resumen

Ante la necesidad de abordar el tema de los intelectuales negros brasileños, promoviendo un rescate justo de una parte relevante de nuestra historiografía, nació este texto, con el objetivo de reconocer que la población afrobrasileña es productora de una inmensa riqueza social y política. y cultural. Por tanto, lo que nos interesa aquí es rescatar la importancia que los negros y los marrones jugaron en episodios clave de la historia brasileña, y en el caso de Valentim da Fonseca e Silva, el principal legado fue cambiar la apariencia de una ciudad, con su múltiples talentos como escultor, tallista, arquitecto, urbanista y paisajista. Considerado uno de los artistas más completos del Brasil colonial, es el autor del primer jardín público abierto a la población en las Américas, contribuyendo significativamente a la modernización de la capital de Río de Janeiro, que en ese momento era la capital del Virreinato de Brasil.

Palabras-clave: Mestre Valentim. Arte religiosa. Jardín publico. Afrodescendiente.

³² Especialista em Arte-Educação (2010) e Educação para Relações Étnico Raciais (2010). Graduado em Pedagogia (2008). Membro do corpo editorial da Revista África e Africanidades e professor das séries iniciais do Ensino Fundamental, atualmente exercendo a função de diretor pedagógico de unidade escolar. Contato: ed2003andrade@gmail.com



Mestre Valentim ³³

Valentim da Fonseca e Silva nasceu na comarca de Serro do Frio em Minas Gerais, na região da atual cidade do Serro, no ano de 1744. Era filho do fidalgo português Manoel da Fonseca e Silva, e da africana Joana (possivelmente da nação Saburu), a qual foi escrava de Antônio Pacheco e após ser alforriada passou a se chamar Amatilde da Fonseca.

Segundo relatos históricos, o mineiro Valentim viveu na antiga Vila do Príncipe até por volta dos quatro anos de idade, e depois foi levado por seu pai para Portugal. Foi nesse tempo em que viveu em terras lusitânicas que supostamente veio a aprender o ofício de escultor e entalhador. Com o falecimento do pai, Valentim teria retornado ao Brasil se estabelecendo na capital fluminense. Entretanto, existem documentos que atestam que Manoel da Fonseca e Silva faleceu entre os meses de fevereiro e novembro de 1744, ou seja, no ano do seu nascimento. Deste modo, não é

³³ Disponível em: <https://comerdematula.blogspot.com/2016/03/mestre-valentim-o-grande-escultor.html> Acesso em: 06/11/2020.

plenamente provada a sua estadia em Portugal em companhia do pai. Assim, é incerto afirmar que sua formação artística iniciou-se em Portugal, parecendo mais certo afirmar que ele pode ter a obtida entre os entalhadores de Minas Gerais e com os mestres do Rio de Janeiro.

Independente de Valentim da Fonseca e Silva ter ido a Portugal estudar ou ter aprendido o ofício com os entalhadores aqui no Brasil, o que nos interessa aqui é resgatar a importância que negros e pardos tiveram em episódios-chave da história brasileira, e no caso de Valentim o de mudar a aparência de uma cidade com seus múltiplos talentos como escultor, entalhador, arquiteto, urbanista, paisagista, contribuindo de forma significativa na modernização da capital fluminense.

Pouco se sabe sobre o Valentim da Fonseca e Silva, já que são escassas as informações sobre sua vida, principalmente, no período em que se acredita que esteve em Portugal. O que realmente se sabe é que por volta de 1770, ele chegou ao Rio de Janeiro e logo ingressou na Irmandade dos Pardos de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Naquela época, o ingresso nas irmandades representava reconhecimento social, possibilidade de contatos, e uma tentativa de contornar os preconceitos sociais e principalmente étnico-raciais que caracteriza a sociedade brasileira.

Mestre Valentim, como popularmente ficou conhecido, é considerado o “Aleijadinho do Rio de Janeiro”, com já vimos, não por ter nascido na capital fluminense, mas por nela ter vivido por mais de 40 anos, deixando uma extensa obra na Arte Sacra, bem como decorações em praças e espaços públicos. Ele era um artista multifacetado e a frente do seu tempo. Possivelmente, essa parte da história seja a mais anunciada, principalmente, por ele ser conhecido como um dos principais artistas do Brasil colonial e o principal construtor das obras públicas na capital do vice-reino do Brasil, atuando nas áreas de saneamento, abastecimento e embelezamento urbano. Credita-se a ele também a realização das primeiras esculturas em metal do Brasil.

Em torno de 1772, Valentim passou a trabalhar com o entalhador Luiz da Fonseca Rosa nas obras do interior da igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmo, na antiga Rua Direita, atualmente Rua Primeiro de Março, no centro do Rio de Janeiro, executando um de seus primeiros trabalhos na cidade. No ano seguinte, iniciou diversos trabalhos tanto na igreja quanto na capela do noviciado, concluindo-os em 1800, conforme descrito nos livros de receita e despesas da Ordem do Carmo.

Mestre Valentim, também foi responsável pela reforma do antigo Largo do Paço e pela instalação do Chafariz da Pirâmide (1789), sendo, da mesma forma, encarregado da reconstrução do Recolhimento de Nossa Senhora do Parto após o incêndio de 1789. No decorrer deste tempo, Mestre Valentim executou diversos trabalhos em igrejas e Irmandades, bem como em espaços públicos. Logo seu trabalho foi reconhecido e sua Arte passou a compor o cenário urbano carioca. Sua obra mais notável é o Passeio Público (o primeiro jardim público aberto à população nas Américas), projetado em 1773, a pedido de D. Luís de Vasconcelos e Sousa, Vice-Rei do Brasil no período de 1778 a 1790, o qual resolveu aterrar a lagoa do Boqueirão utilizada para despejo dos dejetos da população e construir ali um jardim, que foi inaugurado em 1783.

Indiscutivelmente, só o Passeio Público já demonstra a relevância da obra desse grande Mestre que inaugura a temporada de transformações arquitetônicas do Brasil Colonial. Entretanto, o jardim não é unicamente um espaço sofisticado de lazer, ele é inclusive um local projetado para atender as demandas daquela época. Assim, ao construir uma fonte dentro do Passeio Público, acredita-se que Mestre Valentim havia pensado não apenas na elite colonial, mas igualmente na população negra, afro-brasileira, de escravos e livres, que viviam na/da rua e na qual a água dos chafarizes e fontes serviria para as atividades diárias desta população.

Os trabalhos do Mestre Valentim denotam uma expressiva bagagem cultural e ideológica, presente nas esculturas sacras feitas por ele, os quais têm como principal

característica os traços étnico-raciais da população afro-brasileira, a qual teve seus direitos sonogados e cuja invisibilidade negava sua existência. Porém, Valentim, os exalta, esculpindo-os como anjos e Santos, com rostos arredondados, bochechas bem marcadas, lábios com contornos definidos, pescoços grossos e curtos, cabelos abundantes e de feições afrodescendentes, bem ao estilo Valentim de preservar e valorizar suas raízes.

Mais uma faceta desse grande Mestre, que independentemente de ser contratado por autoridades cujos interesses econômicos e políticos não poderiam ser contrariados, suas obras não estavam isentas ou imunes aos seus juízos. Embora o Mestre Valentim tivesse sua Arte aceita pela elite colonial, sua identidade étnico-racial não era valorizada, pois sua importância estava exclusivamente no potencial artístico que possuía. Infelizmente, posturas etnocentristas e preconceituosas, não reconheciam socialmente um mulato. E apesar do grande número de obras realizadas, o artista não gozava de uma vida confortável, vindo a falecer em primeiro de março de 1813, deixando apenas uma casa, instrumentos de trabalhos, móveis, um escravo alforriado, livros e prata para sua filha natural, Joana Maria, fruto do seu relacionamento com Josefa Maria da Conceição.

Entretanto, seu legado para o povo brasileiro e principalmente para a população afro-brasileira é a própria cidade do Rio de Janeiro, cuja arte remanescente nas igrejas históricas, irmandades e espaços públicos, deixam uma lição para qualquer sociedade que atrever ser grande sem dar atenção à sua estrutura. Acrescento que só isso já é o suficiente para valorizar a sua figura. No entanto, acredito que Mestre Valentim não era apenas um Mestre no jardim, mas, deveria ser um sonhador e que sonhava em construir uma cidade em que todos gozassem de oportunidades e de acessos iguais.

Amplamente reconhecido em sua época, ocupando um lugar de transição na história da arte brasileira, ele nos deixa uma lição em relação à necessidade de se pensar, refletir, identificar e de fazer do conhecimento, da arte, da cultura, do ofício,

armas não de colonização, mas de oportunidades de transformar cenários de sangue e dor em espaços de sonhos. Mestre Valentim aprendeu a fazer não apenas maravilhas da técnica que detinha, mas sabia para que fazê-las. Deixemos que isto nos sirva de experiência, enquanto estudantes, pesquisadores, professores, militantes, a fim de colaborarmos na construção de um Brasil melhor.

Como aplicação pedagógica, recomendo que assistam ao vídeo “Passeio pelo Rio revela obras de Mestre Valentim – Repórter Rio”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-IutNbBxcU8>. Em seguida, sugiro a escrita de um texto que aborde o vínculo entre ‘o conhecer’ e ‘o produzir’ significados, partir da fala de um dos entrevistados, fazendo relações com o apagamento histórico da decisiva presença negra na criação e desenvolvimento das artes no Brasil, principalmente, no que se refere à privação de preciosas referências (como a do Mestre Valentim) para se compreender a formação do país e o papel do negro nessa construção.

Indicação: Ensino Médio e Superior.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. M. **Mestre Valentim**. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

CAVALCANTI, N. **O Rio Setecentista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.

TERRA, C. **Os Jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado**. RJ: EBA/UFRJ, 2000.

**CIDINHA DA SILVA:
Uma escrita insurgente**

**CIDINHA DA SILVA:
an insurgent writing**

Vania Cristina da Silva Rodrigues³⁴

Resumo

O presente trabalho traz um resumo da trajetória acadêmica e profissional de Cidinha da Silva. Escritora mineira, Cidinha se destaca no panorama literário atual por seu trabalho com a literatura negra, uma literatura marginal ao cânone, que trata de temas relacionados ao conceito de negritude, o preconceito racial, a cultura afro-brasileira, religião de matriz africana, comportamento, música etc. De forma natural, leve a autora atinge o público infanto-juvenil, com suas histórias, contos, crônicas em que podemos nos reconhecer dentro do enredo, nos personagens e até mesmo nas ações do dia a dia.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Intelectual. Cidinha da Silva. Racismo

Abstract

The work presents a summary of Cidinha da Silva's academic and professional trajectory. Minas Gerais writer, she stands out in the current literary panorama for her work with Black literature, a literature marginal to the canon, which deals with themes related to the concept of blackness, racial prejudice, Afro-Brazilian culture, religion of African origin, behavior, music, etc. In a natural way, the author reaches the children and adolescents with their stories, tales, chronicles in which we can recognize our selves within the plot, in the characters and even in the daily actions.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Intellectual. Cidinha da Silva. Racism.

³⁴ Professora Adjunta do Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias (DECMT) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – (UFTM), Uberaba – (MG) – Brasil. E-mail: vaniacs.rodriques@gmail.com



Cidinha da Silva ³⁵

*Escrever é um ato de coragem,
a gente se desnuda na criação
e se desvela para criar.*
Cidinha da Silva, 2020.

Cidinha da Silva, ou Maria Aparecida da Silva, mineira, nascida em 1969, se entregou ao processo efetivo da escrita apenas em 2006. Dado seu forte engajamento com a causa negra e com questões ligadas às relações de gênero, a pesquisadora mineira chegou a presidir, entre os anos de 2000 e 2003, o Geledés, organização que se posiciona em defesa dos direitos civis de mulheres e negros. Além disso, foi responsável por fundar, em 2005, o Instituto Kuanza, que desenvolve projetos e promove ações educativas, também voltadas para a população negra.

De posse de um aguçado senso crítico e posicionada politicamente, escreve sempre conduzindo em seus trabalhos sentimentos de indignação, repulsa e revolta ao racismo, que se estabelece muitas vezes nas relações diárias fantasiadas de cordialidade e de uso habitual. A sua produção literária articula “etnicidade e gênero; relações sociais de dominação e diversidade cultural; sociabilidade hetero, monogâmica ou não, com homoerotismo, além da experimentação com formas narrativas que vão da crônica ao conto e à tradição oral” (DUARTE, 2011, p. 461).

³⁵ Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva> Acesso em: 11.11.2020.

Formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, ingressou no mundo da escrita publicando artigos acadêmicos a respeito das relações sociais, de gênero e diálogos com a Educação e a Juventude. A cronista sempre teve uma relação muito próxima com a escrita, apesar de só publicar a partir de 2006. Desde criança sentia o desejo de se tornar escritora, época em que já praticava a escrita.

Sua inserção na literatura afro-brasileira ocorreu com o livro *Cada tridente em seu lugar* (2006), já em sua segunda edição. A obra foi pré-selecionada pela Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, para integrar o projeto de expansão de bibliotecas públicas por cidades do interior do Brasil. As narrativas *Domingas e a cunhada*, inseridas nesta obra, *Pessoas trans e Angu à baiana* tiveram os direitos de filmagem adquiridos pela produtora Lúmen Vídeos, de Vitória (ES).

Essa protagonista da literatura afro-brasileira acredita que na nossa sociedade ainda existem posições antagônicas e conflitos de interesses, mas que existem pessoas que defendem as ações afirmativas como estratégia de enfrentamento ao racismo e promoção da desigualdade social. Outras há que ainda se recusam a entender a operacionalidade do racismo, que se apegam ainda à discriminação e às desigualdades sociais. Em entrevista para Patrícia Freire, publicada no blog Afreaka, Cidinha ainda expõe que existem pessoas de má fé, que não querem renunciar aos privilégios estabelecidos e fixados pela branquitude no Brasil. E é a partir dessas opiniões, firmes, intensas, que escreve. Para ela a escrita é corajosa, pois o autor se desnuda na criação e se desvela para criar.

Essa bravura de Cidinha a despiu em suas crônicas. É através de sua escrita que ela luta – e ensina a lutar – para deixar claro o seu lugar e do nosso povo na sociedade: “é tudo nosso, nada deles!”. Os temas presentes nas obras dessa escritora dizem respeito às dificuldades enfrentadas pelos negros, à resistência e ao combate às forças opressoras que até os dias de hoje tentam manter as vantagens da branquitude e o seu domínio. Podemos observar o seu destemor nos seguintes trechos da crônica “*Coisas que nem Deus mais dúvida!*”:

A senhora brandia os braços, inflava bochechas e olhos, tremia a boca pequena. Era Madame Mim, performando um poema. Coisa boa não viria dali. A colega já fizera caras e bocas de incredulidade quando apresentei meus livros no sarau. Reparei que não aplaudiu, assim como as outras pessoas fizeram comigo naquela noite. Houve um preâmbulo antes do poema, a autora dizia: “No meu tempo (como vocês podem ver, eu sou velha), a gente chamava os pretos de quem a gente gostava de negão, quando era homem e neguinha, quando era mulher. Soava carinhoso. Hoje, se a gente não for politicamente correto, pode até ser preso”. Nessa hora, os olhinhos de Madame Mim encontraram os meus e, de pronto, tratei de exuzilhá-los, fechei meu corpo com a mão direita e, com a esquerda, levantei meu tridente. (...) (SILVA, 2014a, p.54).

A autora traz em suas obras essas relações marcadas pelo discurso do outro, que relaciona o enfrentamento por respeito com uma acusação de vitimismo: a colega da Madame Mim que protesta tentando descredibilizar à luta por igualdade. A cronista usa elementos vinculados às matrizes culturais africanas, como palavras relacionadas à religiosidade, presente no trecho da crônica acima: *exuzilhá-los* e *tridente*. A beleza da obra vai além da força. Através de suas “pílulas de letramento racial”, modo como ela mesma define sua escrita, Cidinha se percebe “como escritora negra que não pode se furtar de continuar escrevendo sobre racismo, branquitude e privilégios raciais, pelo menos até que esse estado de coisas mude de maneira substantiva (SILVA, 2014b, p. 1).

Cidinha da Silva publicou nove livros: *Cada Tridente em seu lugar* (2006), seu primeiro livro, fala sobre as ações (políticas afirmativas) que visam garantir o acesso e a permanência do negro nas universidades; *Os Nove Pentes D’África* (2009), *Kuami* (2011b), o *Mar de Manu* (2011a), são os livros de literatura infantil e versam sobre valores como amor, amizade e fé, retomando conceitos da africanidade brasileira, relacionando os costumes e os traços do nosso povo; *Você Me Deixe, Viu? Eu Vou Bater Meu Tambor* (2008), são 26 crônicas e minicontos que tratam desde afetividades e sexualidade às relações perturbadoras entre homens e mulheres; *Oh Margem! Reinventa os rios* (2011c), descreve em crônicas práticas racistas presentes no dia a dia; *Racismo no Brasil e afetos correlatos* (2013), Cidinha trata de casos de racismo que foram

destaques no Brasil; *Baú de Miudezas, sol e chuva* (2014), apresenta 41 crônicas, e o mais recente, *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil* (2014c), apresentando um diagnóstico da realidade sociocultural do setor do livro, leitura, literatura e bibliotecas. Sua recente publicação *Um Exu em Nova York* (2018), além de outras temáticas, o livro expõe situações de racismo, machismo e LGBTfobia, e desmistifica estereótipos acerca das religiões de matriz africana, seja no Brasil, seja em Nova York.

Suas obras passeiam pela ficcionalidade, mas retratam o cotidiano, o real. Ao escrever crônicas e textos narrativos curtos, que têm por base fatos que acontecem em nosso dia a dia, Cidinha faz com que o leitor interaja e se identifique com os acontecimentos e ações dos personagens. Seus textos de linguagem acessível, como se estivesse numa conversa informal, faz parecer que a autora dialoga com fatos íntimos, expondo sentimentos e fazendo reflexões sobre as ações diárias. Além disso, nos seus escritos literários, aparecem representações de vozes subalternizadas e escamoteadas ou invisibilizadas, na da literatura brasileira em geral. Assim, entre muitas outras vozes, aparecem aquelas que *transvestem*, de diversas maneiras, a orientação sexual normatizada. As relações de gênero figuram em seus textos, contrariando a ordem machista, patriarcal, religiosa e outras vigentes.

A literatura de Cidinha da Silva traz ensinamentos importantes para se pensar a práticas pedagógicas nos cursos de Licenciatura. Nesse sentido, a formação de professores pode se configurar como um lugar privilegiado para tensionar e problematizar a profissão docente com olhar interseccionalizado (AKOTIRENE, 2018), pois é precisamente o gesto interseccional que pode nos ajudar a compreender as opressões entrecruzadas que acometem as mulheres negras. Assim, como atividade educacional, sugere-se, por exemplo, relacionar reflexões e teorias feministas negras e práticas pedagógicas na formação inicial docente; ou, ainda, identificar e questionar desigualdades interseccionais (raça, gênero, sexualidade, classe, geração etc.) no domínio do currículo escolar.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte - MG: Letramento: Justificando, 2018.

DUARTE, C. Cidinha da Silva. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FREIRE, P. **Entrevista de Cidinha da Silva.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/cidinha-da-silva-protagonista-da-literatura-brasileira/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SILVA, C. **Cada Tridente em seu lugar e outras crônicas.** São Paulo: Instituto Kuanza, 2006. 2. ed., rev. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SILVA, C. **Você me deixa, viu? Vou bater meu tambor!.** BH: Mazza Edição, 2008.

SILVA, C. **Os nove pentes d'África.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

SILVA, C. **Mar de Manu.** São Paulo: Kuanza Produções, 2011a.

SILVA, C. **Kuami.** Belo Horizonte: Nandyala, 2011b.

SILVA, C. **Oh margem! reinventa os rios!** São Paulo: Selo Povo, 2011c.

SILVA, C. **Racismo no Brasil e afetos correlatos.** Porto alegre: Conversê Edições, 2013.

SILVA, C. **Baú de Miudezas, Sol e Chuva.** Belo Horizonte: Mazza edições, 2014a.

SILVA, C. Letramento racial –Pílula1. **Geledés,** SãoPaulo, 2014b. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-pilula-1/> Acesso em: 06set. 2020.

SILVA, C. **Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014c.

SILVA, C. **Um Exu em Nova York.** Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

**BRUNO DE MENEZES:
Poeta e intelectual modernista antecipador da negritude**

**BRUNO DE MENEZES:
Poeta y modernista intelectual anticipador de la negritud**

Josiclei de Souza Santos³⁶

Resumo

A necessidade de tornar Bruno de Menezes conhecido no Brasil e nos países de língua portuguesa está no fato de tratar-se de um poeta e intelectual negro que primeiro conseguiu traduzir poeticamente o ritmo e a cultura negra para uma poesia a um só tempo experimental e mergulhada na pesquisa do universo negro para além da poesia mestiça gilbertofreyreana modernista. Sua pesquisa participante poética e etnográfica deu à luz em 1931 um livro em que as capoeiras e os batuques dos terreiros e os bois-bumbás que habitaram sua infância numa periferia afro-amazônica se juntam aos experimentos modernistas, mas com uma profundidade para além da caricatura ou superficialidade presente na obra de alguns modernistas. Por isto, este trabalho busca introduzir pesquisadores e demais interessados no tema, para que a poesia e os estudos de Bruno de Menezes alcancem um maior público.

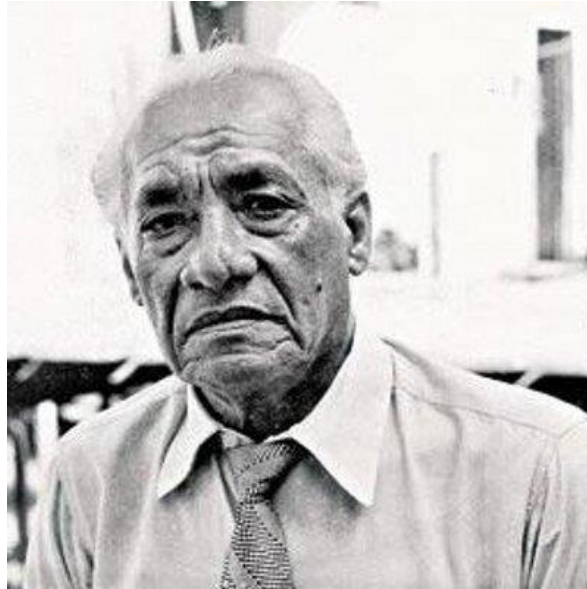
Palavras-chave: Negritude. Modernismo. Poesia.

Resumen

La necesidad de dar a conocer a Bruno de Menezes en Brasil y en los países que hablan portugués es el hecho de que el es un poeta y intelectual negro que primero logro traducir La poesía y la cultura negra en poesía al mismo tiempo experimental y con una profunda investigación del universo negro más allá de la poesía mestiza modernista gilbertofreyreana. De su investigación poética y etnográfica participativa nació en 1931 un libro en que los capoeiras, los batuques de los terreiros y los bois-bumbás de su infancia en una periferia afro-amazónica se suman a los experimentos modernistas, pero con una profundidad más allá de la caricatura o de la superficialidad presente en la obra de algunos modernistas. Por esto, este trabajo busca introducir investigadores y demás interesados en el tema, para que La poesía y los estudios de Bruno de Menezes lleguen a un público más amplio.

Palabras-clave: negritud. Modernismo. Poesía.

³⁶ Professor e pesquisador em Literatura, com doutorado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2019). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Contato: clei@unifesspa.edu.br



Bruno de Menezes³⁷

Bruno de Menezes nasceu no bairro do Jurunas em 1893, até hoje periferia de Belém, um dos grandes centros urbanos da Amazônia. Lá tomou contato com uma forte cultura popular alicerçada na comunidade, como mais tarde ele mesmo conceituaria, afro-ameríndia: capoeiras, bois-bumbás, terreiros, batuques, chorinhos etc. De origem pobre, teve condições de estudar apenas até o primário, mas seu ofício ainda garoto como aprendiz de encadernador o colocou em contato com o mundo dos livros. Como encadernador conseguiu ler muitos livros, muitas vezes estendendo o tempo para restauro e devolução dos livros que chegavam à oficina, para que assim desse tempo de lê-los. Menezes se tornou um intelectual autodidata. Ingressou na militância anarquista, sendo professor voluntário em escolas organizadas pelos sindicatos.

Além de militante, e intelectual, foi escritor e agitador cultural, lançando a primeira revista de cultura modernista na Amazônia, a *Belém Nova*, em 1923. No

³⁷ Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/bio/bruno-de-menezes> Acesso em 31/10/2020.

campo da Literatura sua grande contribuição foi a publicação da obra *Batuque*, entre 1931 e 1939³⁸, o marco inicial na poesia modernista negra em língua portuguesa.

Bruno de Menezes antecipa a estética da negritude, com uma pesquisa profunda sobre o vocabulário negro periférico afro-amazônico. O poeta traduz poeticamente uma modalidade da língua portuguesa marginalizada pela sociedade majoritária por estar relacionada às comunidades negras periféricas, e explora o falar cotidiano presente nos rituais, nas festas, na capoeira, no trabalho, dentre outros, conseguindo esteticamente perceber que a tradução poética da musicalidade e do universo afrodescendente demandaria a criação de um ritmo e uma sonoridade própria, como forma de buscar se aproximar dessa herança musical africana.

O trabalho rítmico, imagético e sonoro, mais sua recriação poética da língua falada pelas comunidades periféricas afro-amazônicas colocam a poesia bruniana não apenas como fundadora da poesia modernista negra de língua portuguesa, mas antecipadora da estética da negritude. O fato de Bruno de Menezes ter iniciado poeticamente em 1931, o que fora materializado poeticamente pelos escritores francófonos da negritude apenas a partir de 1937 conforme a afirmação de Fernandes (2010, p.232), o coloca como antecipador da negritude em termos estéticos.

Bruno de Menezes incorporou a proposta de aproximação modernista entre o oral minoritário e a escrita majoritária nacional, mas com um diferencial em relação aos demais modernistas, a exemplo de Mário de Andrade. Tal diferencial é a percepção de que as cantigas negras coletadas e incorporadas nos poemas do livro deveriam ter suas melodias registradas para que a beleza do canto negro não fosse perdida. Tratava-se de uma inovadora consciência de que a poesia cantada negra tem uma estruturação diferenciada em relação à escrita, devendo não ser avaliada pelo

³⁸ Apesar de se considerar a primeira edição de *Batuque* a de 1931, que saiu como parte do livro *Poesias*, o livro *Batuque* como hoje o conhecemos, em sua 8ª edição será considerada a edição de 1939, devido ao acréscimo de nove novos poemas, que traziam um aprofundamento sobre o universo afro-amazônico, principalmente no campo do sagrado, havendo também a retirada de um poema presente na primeira edição, *Desbravadores da terra virgem*, que na primeira edição fazia uma exaltação aos viajantes como Pedro Teixeira, destoando do tema afro-amazônico.

modo de recepção desta. Livre do grafocentrismo que deixava de fora a melodia da poesia oral incorporada aos textos modernistas, Bruno de Menezes providenciou notações musicais para que os textos ouvidos e coletados nas festas, nas rodas de capoeira, nos currais de boi-bumbá pudessem, também, ser cantadas pelos leitores.

O êxito poético de Bruno de Menezes em Batuque gerou inúmeras críticas nacionais e internacionais, já desde a década de quarenta. Uma crítica que merece destaque é a de 1960 da revista francesa *Présence Africaine*, um dos principais meios de disseminação mundial da negritude:

Il régime autour des poèmes de Bruno de Menezes une atmospheres sacrée et mystique qu'on ne trouve nulle part dans la poésie noire latino-américaine. (...) Toutes ces œuvres, sans exception, ont cette authenticité mystique qui donne à Bruno de Menezes une place unique et exceptionnelle dans la poésie latino-américaine d'inspiration noire. Elle fait de lui, sans doute, le plus original des poètes afro-américains contemporains³⁹ (MENEZES, 2005, p. 105).

Mas além de poeta e agitador cultural, Bruno de Menezes foi folclorista autodidata, sendo pioneiro em estudos sobre a cultura popular na Amazônia, com destaque para a contribuição negra para aquilo que ele chamou de cultura afro-ameríndia. Dentre seus estudos, um de grande importância foi *Boi-bumbá: auto popular*, de 1958, em que o mesmo aprofunda proposição de uma identidade “afro-ameríndia”, a partir do contato de diferentes civilizações africanas com a Amazônia.

No referido estudo, Bruno de Menezes afirma que a extrema devoção pelo Boi, por parte de seus brincantes, que poderia até resultar em confrontos capitaneados por capoeiras, poderia estar relacionada a um tipo de totemismo antigo, praticado, segundo o autor, pela civilização banto (MENEZES, 1993, p. 51). Segundo o pesquisador, o boi-bumbá trata-se de uma manifestação cômico-dramática “afro-

³⁹ “Há uma atmosfera sagrada e mística em torno dos poemas de Bruno de Menezes que não se encontra em nenhum lugar da poesia negra latino-americana. (...) Todas essas obras, sem exceção, têm essa autenticidade mística que confere a Bruno de Menezes um lugar único e excepcional na poesia latino-americana de inspiração negra. Isso o torna, sem dúvida, o mais original dos poetas afro-americanos contemporâneos” Tradução livre pela organização do Caderno.

ameríndia” (MENEZES, 1993, p. 52). Bruno de Menezes chama a atenção para o caráter afrodescendente questionador de Pai Francisco ante a ordem patriarcal colonial branca, em que o mesmo ridiculariza por meio da comédia os poderosos (MENEZES, 1993, p. 53).

Bruno de Menezes também publicou o estudo *São Benedito da Praia: folclore do Ver-o-peso*, em 1959. Em tal estudo, o autor retoma um objeto que já havia trabalhado em *Batuque*, São Benedito. No livro de poemas o escritor mostra a relação do santo preto com Toya verequete, entidade dos povos mina que foram escravizados na Amazônia. Já no referido estudo, o pesquisador mostra a influência do santo preto nas manifestações religiosas de um dos maiores cartões postais da cidade de Belém.

Bruno de Menezes também pesquisou e ratificou aquilo que Mário de Andrade, surpreso, já havia constatado quando de sua vinda a Belém em 1927, a ligação da pajelança, tida como essencialmente indígena, com universo afro-amazônico. Não por acaso a *Oração da Cabra Preta*, que aparece na edição de 1939 de *Batuque*, a partir de um feitiçeiro negro da periferia de Belém, retornaria na obra *Música de feitiçaria no Brasil*, publicada por Oneyda Alvarenga a partir das anotações de Mário de Andrade, em 1963. Outra mostra do interesse do pesquisador em confirmar a presença negra na pajelança está na crônica *A boiúna*, de um outro escritor, admirador e discípulo do poeta, Pedro Tupinambá. A crônica aborda os bastidores de uma brincadeira carnavalesca de 1933 a partir da pajelança, “Quando viajamos com o escritor Bruno de Menezes para Manaus, em 1957, mostrou-nos êle(sic) seu álbum de recortes sôbre(sic) assuntos Afro-brasileiros”, (TUPINAMBÁ, 1969, p. 101-102). Na crônica de Pedro Tupinambá é significativo o fato de haver entre os recortes do álbum de “assuntos Afro-brasileiros” um folheto de uma brincadeira carnavalesca criada a partir da pesquisa sobre a pajelança.

Percebe-se, portanto, que Bruno de Menezes tem uma contribuição no campo estético, por ter a um só tempo fundado a poesia negra modernista de língua

portuguesa e ao mesmo tempo antecipado esteticamente a negritude em poesia, e uma contribuição com estudos etnográficos que desmentem a afirmação da pouca importância negra na cultura Amazônica.

A partir da constatação da importância do autor para poesia modernista negra de língua portuguesa, propomos que os poemas do livro *Batuque* sejam estudados por professores de Literatura, artes, história e religião, observando a afro-poética bruniana, em seus aspectos semânticos, sintáticos e sonoros; percebendo os elementos históricos que aproximam as heranças das civilizações africanas das lutas pós-diaspóricas desses povos na América de língua portuguesa; e percebendo os panteões africanos como elemento de construção poética e identificatória.

Indicação: Ensino Médio e Superior.

REFERÊNCIAS

BOGEA, A. **ABC de Bruno de Menezes: o operário do verso**. Belém: Ed. Universitária da UFPA, 1992.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Negritude e criouliização em Bruno de Menezes**. Novos Cadernos NAEA, Belém, v. 13, n. 2, p. 219-233, dez. 2010.

MENEZES, B. **Batuque**. In Poesias.1. Ed. Belém: edição do autor,1931.

MENEZES, B. **Batuque**. 2. ed. Belém: Oficinas Pará Ilustrado, 1939.

MENEZES, B. **Batuque**. 3. ed. Belém: Oficinas Pará Ilustrado, 1945.

MENEZES, B. **Batuque**. 4. ed. Belém: Editora Revista Veterinária,1953.

MENEZES, B. **Batuque**. 5. ed. Belém: [s.n],1966.

MENEZES, B. **Batuque**. 6. ed. Belém: Imprensa Oficial,1984.

MENEZES, B. **Batuque**. 7. ed. Belém: [s.n], 2005.

MENEZES, B. **Obras completas de Bruno de Menezes**. V. 2. Folclore. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; conselho Estadual de Cultura, 1993.

MENEZES, B; PORTO; B. **Batuque**. 8. ed. Belém: [s.n], 2018.

NUNES, Benedito. **Bruno de Menezes inventor e mestre**. In Asas da palavra. Belém: Unama, v. 10. n. 21. 2006.

SANTOS, J. S. **Identidade e erotismo em Batuque, de Bruno de Menezes**. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2007. Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2007.

SILVA, E. **O africanismo em Batuque de Bruno de Menezes**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1984.



Caderno Intelectualidades Negras Brasileiras

ISSN 1983-2354